

devolve ao olhar. É pena que não tenhamos a oportunidade de ver, na Cinemateca ou noutro lugar, a visão dos cineastas que corresponde à destes artistas.

## A vida intensificada



**Action cinema**  
de Ken Jacobs

VILA DO CONDE Galeria Solar - Galeria de Arte Cinemática. Rua do Lídador. Tel.: 252 646516. De 3ª a 6ª das 14h30 às 18h. Sáb. e Dom. das 10h às 12h30 e das 14h30 às 18h. Até 12/09

★★★★☆

“Em 1893, Warburg perguntando-se acerca da maneira como os artistas da Renascença italiana representaram o movimento, constata que eles são inelutavelmente levados à descrição de uma aparência: os signos da mobilidade concentram-se na periferia das figuras, na deformação dos contornos e dos traços, a dilatação dos vestidos e dos cabelos, sem afectar a sua estrutura: a origem do movimento é relacionado com uma causa exterior que modifica provisoriamente a configuração do corpo mas não o afecta em profundidade”, escreve Philippe-Alain Michaud em “Aby Warburg e a imagem em movimento” (Macula, Paris, 1998).

Emprestar uma nova vida às imagens: este é a proposta de Ken Jacobs nas obras que escolheu apresentar em “Action Cinema”, exposição que se desdobra pelos vários espaços da galeria Solar. A mostra é quase exclusivamente formada por imagens apropriadas, com excepção de trabalhos onde retrata instantes da vida quer em família, quer com os amigos, neste caso destacando-se “Bob Fleischer dying”, um retrato desta figura mítica do cinema “underground” nova-iorquino. O resgatar à morte de um instante, projectando para o futuro flashes desse tempo perdido, como apenas fosse possível esse desígnio - porque o olhar está alienado pelo presente perpétuo onde se encontra -, é tarefa própria de um demiurgo: e Jacobs parece encarnar bem esse papel.

Na exposição da Solar há imagens de água, fotografias estereográficas, velhos filmes: as imagens ganham espessura, densidade, aproximam-se de nós enquanto fantasmas de uma outra época. A duração é esticada: um minuto filmado em

1901 é agora projectado em câmara lenta, muito lenta mesmo: são mais de dez minutos de dilatação temporal, para que os olhos vejam, contra o presente. Ken Jacobs é uma espécie de arqueólogo, um historiador à maneira de Warburg. Aquilo que lhe interessa é a noção de “pathosformel”, que se pode entender como “vida mimicamente intensificada”. Estamos no domínio das intensidades que animam a história, o seu desenrolar “não-cronológico”, visível na repetição, em diferentes períodos ou contextos, de uma mesma “forma ou fórmula de estilo emocional”.

Veja-se “What Happened on 23rd Street in 1901”: um filme em que Jacobs recorre à animação digital de três dimensões para dar uma nova vida a um momento captado pela câmara de Edwin S. Porter, realizador da companhia de produção de Thomas Edison. A película muda-se em digital para nos mostrar a persistência de uma mesma fórmula, a de um desejo, quer na imagem captada no início do século passado - a passagem de uma mulher sobre uma grelha de ventilação, que faz com que a sua saia se levante -, quer no célebre instante protagonizado por Marilyn Monroe, quer ainda na pintura rococó de Fragonard, “Les hazards heureux de l’escarpolette” (1767, Wallace Collection, London). Esta recorrência tem a sua origem em expressões gestuais que se podem detectar por exemplo na estatuária da Grécia antiga, nomeadamente nas representações da ninfa.

É curioso ver como o filme do casal a passear na Rua 23 - e o respectivo acontecimento, o esvoaçar do vestido - foi anunciado no catálogo Edison: “Um êxito que irá certamente agradar”, no qual se pode observar “a saia de uma rapariga que é levantada a uma altura quase perversa, para seu horror e diversão dos vendedores de jornais, engraxadores e transeuntes.” A vergonha da involuntária protagonista (será assim?) em confronto com o mundo transformase, mais tarde, em eficaz produção do “star system” (Marilyn): a idade da inocência cinematográfica, com ecos na pintura de Fragonard, perdeu-se com o advento de Hollywood e, mais tarde, com a expansão da indústria pornográfica. Ken Jacobs faz dois passos atrás e aproxima-nos de uma outra esfera, onde os afectos são aquilo que conta. É um trabalho político, pleno de humanidade, o seu.

Apenas uma nota para a exposição, que, em termos formais, é excessivamente repetitiva: o recorrente uso de uma espécie de efeito “strobe” para potenciar a ilusão do movimento chega a ser cansativo e corre o risco de retirar alguma vitalidade às imagens a que Jacobs quis dar uma sobrevida.